

Baque de peso: circuitos, trajetos e subjetividades fronteiriças

Gilberto Geribola Moreno

Universidade Federal da Integração Latino-Americana
geribolamoreno@gmail.com

Introdução¹

Desde março de 2015, venho pesquisando as práticas culturais juvenis na região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina, Paraguai) com o objetivo de compreender as relações entre os diferentes grupos culturais juvenis, suas interações e a possível criação de diferentes configurações sociais desenvolvidas por meio da agência dos grupos culturais juvenis, de seus circuitos e trajetos. A imersão em uma cidade de fronteira trouxe de imediato duas questões para a realização da pesquisa. A primeira referida a certa acuidade metodológica no sentido de buscar a especificidade local dentro de sua escala, evitando certa “tentação da metrópole”², ambiente privilegiado pelas pesquisas com

1. A expressão “baque” se refere às apresentações dos grupos de maracatu. Baque de peso compõe uma frase de uma música e remete à força que tem o baque da Nação Porto Rico e, por extensão do grupo Alvorada Nova.

2. Faço referência à discussão de Magnani sobre a «tentação da aldeia». Segundo o autor, haveria certa propensão a se pensar os grupos juvenis encerrados em suas

juventude. Como observa Sposito (2009), é escassa a pesquisa com juventude na escala das pequenas e médias cidades e, pode-se dizer, inexistente nas regiões de fronteiras. Nesse sentido, pesquisar as práticas culturais juvenis em uma cidade fronteiriça de porte médio introduzia novos desafios de abordagem. A segunda questão foi da ordem da entrada no campo da pesquisa. Ao realizar uma caminhada exploratória pela cidade, a impressão, em um primeiro momento, foi de que Foz do Iguaçu tinha certas semelhanças com outras cidades do mesmo porte das muitas que existem pelos interiores do país. Refiro-me a uma maior fluidez do trânsito, certa percepção de que a temporalidade é estendida, em suma, um ritmo menos acelerado que o das metrópoles e, especialmente, uma sociabilidade caracterizada pelo hábito do encontro nas calçadas defronte às casas no final da tarde para conversar e, neste caso, seguindo a tradição sulista, bebendo chimarrão ou tererê. Ao mesmo tempo, em um primeiro olhar, Foz do Iguaçu apresentava alguma especificidade, características distintas, particularidades, que poderiam ser próprias da região de fronteira. Como a constante alusão aos países vizinhos, marcadas por referências de proximidade e distanciamento. Por exemplo, o uso do termo “chiru”, palavra da língua guarani (xirú) apropriada por brasileiros, que designa originalmente amigo ou alguém com quem se tem relações de confiança, mas que se reveste de tom pejorativo e depreciativo quando alguns moradores da região fazem alusão aos paraguaios.

O início da pesquisa foi um exercício de alteridade caracterizando-se pela adaptação ao ambiente a ser pesquisado e pela deambulação

próprias referências, como se compusessem grupos cujas lógicas se encerrariam em si mesmos, não estabelecendo relações com outros atores sociais. Estabelecendo alguma similitude, poderia haver certa «tentação da metrópole» nas pesquisas que privilegiariam, por diferentes motivos, a escala da metrópole como ambiente das pesquisas cujo objeto são os jovens, seus grupos e interações.

exploratória, própria do método etnográfico. Embora a literatura sobre a região informasse vários aspectos de meu ambiente de pesquisa, eu me orientava pela noção da experiência etnográfica (MAGNANI, 2002; 2009) e, caminhando pela cidade, passei a observar algumas práticas culturais, conversar com as pessoas, anotar aquilo que me parecia relevante em meu caderno de campo.

Uma de minhas primeiras percepções sobre Foz do Iguaçu foi certa carência de espaços públicos nos quais eu esperava encontrar grupos juvenis a desenvolver suas práticas culturais. A dimensão da cidade média e os hábitos de seus moradores contribuíam para essa percepção. Alguns interlocutores jovens repetiram, com poucas variações, que “nós temos poucas baladas. Nossa diversão é se reunir na casa de um amigo para beber, ouvir música e conversar”. Esse tipo de depoimento insistentemente reiterado chamava a atenção para um tipo específico de sociabilidade ancorada no âmbito privado da vida. Parecia confirmar outra impressão que eu tive que dizia respeito à dificuldade de encontrar grupos juvenis circulando pela cidade. Por meio das informações dos cidadãos iguaçuenses, eu soube que, na Praça da Bíblia e, em especial, em um espaço voltado para atividades culturais — o Barracão —, se reuniam diferentes grupos juvenis. Supostamente, haveria outros espaços de encontros juvenis na cidade que, no entanto, eu só descobri posteriormente. Alguns em suas bordas, por exemplo, a “comuna” do *rapper* Mano Zeu (que eu viria a conhecer durante o desenvolvimento da pesquisa), alguns espaços de sociabilidade juvenil embalados pelo consumo de música sertaneja e shows de diferentes estilos. Mas, também, aqueles espaços voltados para o turismo e, em sua maioria, de localização mais central que eu conheci de imediato, mas não se mostraram atraentes para meus objetivos de pesquisa. Em minha primeira visita à Praça da Bíblia, ao perguntar

para uma vendedora de lanches o que distinguia aquela praça de outros espaços da cidade ela respondeu que “é aqui que vem o povão. Se você quer conhecer o povo de Foz tem que ser aqui. Lá para o centro vão mais os almofadinhas, os filhinhos de papai e os turistas, é claro.” A observação e alguns depoimentos com o mesmo sentido desse me apontavam que ali poderia ser meu ambiente de pesquisa.

A partir desse momento, passei a acompanhar as atividades desenvolvidas nesse local, com especial atenção ao espaço voltado para atividades culturais, o Barracão. Dessas atividades, optei por acompanhar *de perto e dentro* o grupo Maracatu Alvorada Nova, que ensaia nesse espaço. Se, de um lado, eu pretendia discutir os fluxos culturais transfronteiriços, pensando a tríplice fronteira como espaço de investigação, ao deparar com um grupo de maracatu, reconhecida manifestação cultural pernambucana, em uma cidade do Paraná, via, por outro lado, que havia diferentes fronteiras sendo transpostas e fluxos culturais inesperados e de múltiplas direções.

Iniciando por esse caminho e partindo dessas percepções, desenvolvi a pesquisa que apresento neste trabalho. O artigo está dividido em três partes. Na primeira, apresento alguns elementos sobre a região da tríplice fronteira com o fito de situar o leitor no ambiente do trabalho etnográfico que venho desenvolvendo na região e, também, alguns aportes teóricos e as opções metodológicas que orientam o trabalho de campo e a escrita. A segunda parte do texto é dedicada a alguns apontamentos da etnografia realizada na região e, em particular, a abordagem sobre o grupo Maracatu Alvorada Nova e as interações observadas entre esse grupo e outros atores. Por fim, termino o artigo com algumas considerações finais apontando certos efeitos promovidos pelos encontros entre os jovens da região e suas ações no campo da cultura.

O ambiente da pesquisa: a tríplice fronteira

A Tríplice Fronteira, assim denominada depois dos atentados às torres do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, é composta por três cidades: a brasileira Foz do Iguaçu, Ciudad del Este, no Paraguai, e Puerto Iguazú, no lado argentino da fronteira. Essa região é conhecida pela pujança das Cataratas do Iguaçu, no lado brasileiro e argentino, sendo um dos principais destinos turísticos no Brasil. O gigantismo de Itaipu, a maior hidrelétrica do mundo em produção de energia, compõe a grandiloquência da região sendo, também, um destino turístico. A cidade de Foz do Iguaçu passou por diferentes fases econômicas, sendo a mais conhecida a do “turismo de compras”, quando pessoas de diferentes regiões do Brasil buscavam a cidade com o intuito de fazerem compras em Ciudad del Este, cuja maior atração é o comércio de diferentes bens de consumo. Esses compradores, aproveitando os preços convidativos, estabeleceram uma ampla rede de pequenos comerciantes por todo o país como revendedores e/ou atravessadores de mercadorias. Viabilizaram, ao mesmo tempo, o crescimento econômico da cidade por meio da necessidade de uma gama de serviços de hospedagem e acolhimento turístico.

O comércio de Ciudad del Este é caracterizado, em grande medida, por ilegalismos e ilicitudes, segundo tem sido divulgado pelas diferentes mídias e estudos acadêmicos. Na porção paraguaia, sobressai, ainda, a presença dos brasiguaios, termo que deriva da migração de brasileiros para o Paraguai, constituindo um grupo heterogêneo composto por fazendeiros, trabalhadores por empreita, posseiros e trabalhadores sem-terra (ALBUQUERQUE, 2005; 2009). Pode-se observar, ainda, que a própria junção de duas palavras (brasileiro e paraguaio) para construir o vocábulo que nomeia esse grupo sinaliza

a constituição de um hibridismo local.

A cidade de Puerto Iguazú é pouco lembrada pelo discurso externo sobre a região, mas mantém, também, intenso fluxo fronteiriço, sobretudo para atividades de lazer de grupos de brasileiros que buscam o ar pitoresco da região, seus vinhos e queijos.

Somam-se a esses elementos, a diversidade de línguas faladas no território, como guarani, português, espanhol, árabe e as línguas asiáticas e, também, o “portunhol”, designação de um hibridismo linguístico que combina português e espanhol em uma articulação inovadora³. Outra peculiaridade da cidade, mas também da região, é a grande presença de grupos étnicos distintos, dentre os quais ganham especial destaque os grupos guaranis e as comunidades árabes e asiáticas. A presença de grupos guaranis circulando pelas fronteiras locais segundo suas próprias definições territoriais é um fator que introduz complexidade aos fluxos da região, uma vez que estes não se orientam pelas delimitações fronteiriças estabelecidas pelos Estados nacionais. Esses elementos sinalizam a diversidade cultural da região, constituída por grupos tradicionais, mas, também, por manifestações que estão em sintonia com as novas configurações sociais do mundo globalizado.

Há, ainda, outras caracterizações sobre a região, estabelecidos especialmente por meio do olhar externo, das quais tem sobressaído a porosidade da fronteira que facilitaria o tráfico de drogas e, especificamente, no caso da fronteira entre Paraguai e Brasil, o tráfico de armas.

Desde os atentados ao World Trade Center, em 2001, a região passou a receber a atenção internacional, em especial do serviço de in-

3. O portunhol tem ganhado expressão poética através de algumas obras literárias escritas nesse idioma. Dentre essas, se destacam os trabalhos de Douglas Diegues (2006; 2008), escritos, segundo sua denominação, em “portunhol selvagem”.

teligência dos Estados Unidos da América, devido à presença da população árabe e muçulmana. Aventou-se, por ocasião dos atentados, a possibilidade da existência de células dos grupos Hezbollah e Al-Qaeda nessas cidades, suscitando um discurso sobre a região que a caracterizava como uma “terra sem lei” na qual proliferavam grupos de apoio ao terrorismo internacional. Nas palavras de Montenegro e Béliveau (2006, p. 17):

[...] comienza a ser categorizada como um área com características propias, al ser construida como noticia em la prensa internacional y nacional. El discurso periodistico assimila la zona a um espacio transnacional, una tierra sin ley, que escapa a los controles estatales. La Triple Frontera se convierte em metáfora de las “zonas grises” y de los amenazantes espacios a los que se atribuye imprevisibilidad, em el marco de discursos relacionados com agendas de seguridade, em la era del “terrorismo global”.

Embora esse quadro seja genérico, ele aponta a existência de certo olhar para a região que, orientado de fora, pode estar imputando à zona fronteira características estereotipadas e, muitas vezes, discriminatórias, que não abrangem as possíveis diferentes manifestações socioculturais de seus habitantes. Inclusive, esse olhar estereotipado sobre a Tríplice Fronteira pode dificultar a percepção da existência de um contradiscurso, expresso em diferentes ações e linguagens, bem como de práticas orientadas no sentido de se opor à visão corrente e de senso comum sobre a região redefinindo o território e as relações de seus habitantes⁴.

Sabe-se que as fronteiras nacionais se definem de um lado pelos marcadores políticos administrativos, delimitadores que podem de-

4. Compreendo que os estereótipos são elementos importantes de investigação social que podem desvelar as configurações sociais que se estabelecem no território. Nesse sentido, não devem ser descartados como uma falsa imputação ou mascaramento da realidade, mas compreendidos como um campo de pesquisa.

marcar identidades instituindo pertencimentos aos Estados-nação ou a grupos étnicos específicos. As fronteiras podem ser compreendidas, também, como espaços de fluxos de pessoas, bens, símbolos, códigos e signos. Estes encontram certas orientações nos marcadores institucionais, mas, também, podem ser regidos por outras lógicas. Aquelas próprias dos grupos que compõem o espaço fronteiriço. Seguindo essa perspectiva, este trabalho visa a compreender a região da tríplice fronteira como um espaço integrado por meio da ação e das práticas cotidianas (CERTEAU, 1996) de seus habitantes que podem, em diferentes medidas, criar contradiscursos, sobretudo, em relação aos estereótipos de “terra sem lei”: região caracterizada pela presença do terrorismo internacional, do tráfico de armas e drogas e pelo contrabando. As dinâmicas instituídas pelas práticas culturais, pela circulação e fluxos de objetos, signos e pessoas, podem, também, promover a constituição de diferentes configurações socioculturais, de formas de existir e de híbridos resultantes do intercâmbio entre distintos elementos significantes nesse território. Compreendo que a região da tríplice fronteira exige uma abordagem que lhe tome como um território ampliado para além dos espaços contíguos às delimitações institucionais entre os Estados-Nação. Nesse sentido, entendo que, ao pesquisar a região da tríplice fronteira, se faz necessário abordar as dinâmicas que se processam nesse território visando compreendê-lo como um todo articulado que transborda os limites institucionais e abarca, em sua complexidade, as demais cidades da região. Segundo as afirmações de Pozzo (2014):

Ciudad del Este, Foz do Iguazu, Puerto Iguazu, deben ser estudiadas y pensadas como realidades integradas en la region [...] El espacio socialmente construido ya no puede ser estudiado y pensado desde la realidad de una sola lengua y un único territorio. Se hace cada vez mas urgente estudiar los asentamientos-en-movimiento, las

transfronteras y los espacios deborderizados para poder comenzar a entender algo de este complejo enmarañado social denominado Triple Frontera. (p. 27-8).

Concomitante à percepção física do território, a Tríplice Fronteira pode e necessita ser compreendida como um complexo social e ser definida como uma “zona fronteiriça” na qual ocorrem intercâmbios de diferentes ordens em meio às indefinições de um espaço com certa opacidade cultural (GLISSANT, 2005). De acordo com Hannerz (1997, p. 23), a zona fronteiriça pode ser “explorada com mais criatividade por deslocamentos situacionais e combinações inovadoras, organizando seus recursos de novas maneiras, fazendo experiências. Nas zonas fronteiriças, há espaço para a ação [*agency*] no manejo da cultura.” Fato observado nas interações cotidianas de seus moradores que mobilizam distintos recursos materiais e simbólicos que remetem a outros elementos da reflexão proposta por Hannerz (1997) sobre as fronteiras. Assim, a discussão acerca dos *fluxos culturais* nas regiões de fronteira deve se apoiar em um tripé que conta com dois outros termos: a *fronteira*, como elemento que demarca pertencimentos, e *hibridações*, que resulta do intercâmbio entre diferentes elementos.

Desse modo, acredito que o termo “zona de fronteira” apresenta certa funcionalidade analítica no sentido de se abarcar toda região e permitir compreender a fronteira político-administrativa como um elemento que institui certos marcadores sociais da diferença que compõem a vida daqueles que residem nas cidades da tríplice fronteira.⁵ Nesse movimento de diferenciação, assiste-se a um diálogo entre os

5. Alguns trabalhos têm apontado que a fronteira abarca outras cidades e mesmo a perspectiva nativa, em algumas ocasiões, extrapola as três cidades aqui delimitadas como componentes da tríplice fronteira. Por uma questão de recorte empírico, optei por trabalhar com as cidades mais reconhecidas como pertencentes a essa fronteira.

termos institucionais que demarcam as fronteiras e aqueles que os deslocam por meio da ação dos sujeitos que habitam os espaços fronteiriços, criam “híbridos culturais”⁶ e promovem processos de integração.

Embora seja uma tentação abandonar a perspectiva institucional da fronteira em prol da constituição de uma região marcada pela diversidade e de híbridos culturais, foi possível perceber, por intermédio da etnografia, que os moradores se apropriam dos limites político-administrativos como marcadores em seus deslocamentos e definidores de diferenças entre os demais moradores da região. Segundo o depoimento de um jovem:

Nós somos paraguaios. Então temos nossas especificidades que são diferentes das de vocês. E não tem nada a ver com o comércio daquele canto da cidade (se referindo à zona de comércio de Ciudad del Este). Se você entrar mais pela cidade você vai ver outro Paraguai, outro ritmo, outro tudo. Temos um ritmo próprio, um jeito de encarar a vida de outra maneira que não tem nada a ver com o jeito brasileiro (Pablo).⁷

Frequentador assíduo dos eventos que se realizam do lado brasileiro da fronteira, esse jovem revela uma característica constante em meus interlocutores: a ênfase no estabelecimento das diferenças entre os grupos e dinâmicas de integração marcando as características de cada grupo relacionado ao seu pertencimento nacional. Ao mesmo tempo, por meio das ações de diferentes ordens (econômicas, sociais, culturais etc.) promovidas pela circulação no território, se desen-

6. Eagleton (2003), Said (1995) e Garcia Canclini (2011), entre outros, apontam que as culturas dialogam, estão todas envolvidas umas com as outras e que, de certo modo, não há cultura isolada ou pura, fato que justificaria a noção de hibridismo cultural. Nesse sentido, adoto aspas no termo “híbridos” por compreender que este apresenta certa fragilidade conceitual.

7. Optei por trocar os nomes de alguns interlocutores para preservar-lhes anonimato. No entanto, para aqueles de projeção pública mantive seus nomes originais, pois entendo que são facilmente identificados mesmo sob um nome fictício.

volvem dinâmicas que instituem novas configurações socioculturais. Fenômeno que pretendo tratar à frente.

Em minha pesquisa na região, venho acompanhando um grupo de maracatu cujos participantes são, em sua maioria, brasileiros residentes em Foz do Iguaçu. Porém, alguns membros do grupo são paraguaios de Ciudad del Este e outros são argentinos da cidade de Puerto Iguazú. O regime de interação entre os membros do grupo e as atividades nas quais o grupo se insere promovem certos deslocamentos dos membros do grupo — os batuqueiros — entre essas cidades e, em especial, no trajeto definido pela travessia da Ponte da Amizade, que liga Brasil e Paraguai, e da Ponte da Fraternidade, que liga Brasil e Argentina.

Observo, no cotidiano da região, uma maior interação e circulação entre as cidades de Foz e Ciudad del Este, facilitada, em boa medida, pela Ponte da Amizade e por uma fiscalização menos incisiva na aduana paraguaia. O grande fluxo de pessoas entre essas cidades se desenvolve principalmente devido ao comércio de bens eletroeletrônicos e outros produtos oferecidos do lado paraguaio com preços mais acessíveis do que os praticados do lado brasileiro. Os deslocamentos dos moradores das cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este são realizados mais frequentemente para compras e trabalho. Nesse aspecto, há deslocamentos, nos dois sentidos entre Brasil e Paraguai, de pessoas que trabalham no comércio de Ciudad del Este e residem em Foz e vice-versa. Um trajeto que desponta com certa peculiaridade é o de diaristas e empregadas domésticas que saem do lado paraguaio para trabalharem em Foz. Todas as manhãs e finais de tarde, observam-se mulheres paraguaias caminhando sozinhas ou em grupo vindo ou indo para os pontos de ônibus que dão acesso ao Paraguai. O contingente de paraguaias no serviço doméstico brasileiro é impulsionado

pelo baixo preço dessa mão de obra que custa trinta por cento a menos que uma diarista ou empregada brasileira.

Embora ocorra um intenso deslocamento de pessoas pela Ponte da Amizade para fins de trabalho e comércio, a especificidade desse trajeto, no caso dos jovens observados em minha pesquisa,⁸ é seu deslocamento para fins de cultura e lazer. Um conjunto de bares forma um circuito de lazer para os jovens da região tanto nas cidades de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e em Ciudad del Este. Este circuito reúne espaços voltados para o *rock* nos quais é comum a apresentação de grupos de *rock* paraguaios, muitos restaurantes frequentados por residentes e turistas, diferentes espaços dedicados à música sertaneja (hegemônica na cultura local) e, mais recentemente, observa-se a constituição de um circuito LGBT. É importante apontar a presença de um circuito de cultura negra na cidade de Foz que se ramifica para as outras cidades da fronteira. Além do grupo de maracatu, cuja identificação é com a cultura negra, encontra-se em Foz um grupo de Dança Afro; um grupo de afoxé; A Comuna, espaço dedicado ao *Hip Hop*; a Festa Preta, organizada por jovens negras e negros; encontro de *hip hop* no Barracão; batalha de *hip hop*. Esses eventos encontram ressonância nos terreiros de candomblé da cidade de Foz do Iguaçu, nos quais se realizam diferentes eventos sagrados e profanos. Estes, em geral, de apoio às ações que jovens negros promovem na cidade. Interessante notar que o maracatu, o terreiro e o *hip hop* têm suas versões dos lados paraguaio e argentino da fronteira indicando o deslocamento, especificamente no caso do maracatu e do terreiro, de elementos que compõem as práticas culturais brasileiras.

8. As categorias jovem e juventude dizem respeito a grupos heterogêneos, com características distintas sob inflexão de distintos marcadores da diferença social. Assim, o grupo que eu acompanhei em minha pesquisa é um grupo específico que não representa a totalidade dos jovens da região.

Em geral, os deslocamentos entre Foz e a cidade de Puerto Iguazú são em menor número e com outras finalidades, mas, no caso dos jovens residentes na região, como foi observado acima, prevalecem aqueles voltados para o lazer e a cultura. Cidade de menor porte, Puerto, como é chamada localmente, não oferece as mesmas mercadorias que a cidade paraguaia, mas se destaca por uma atividade noturna com bares, cafés e pelos restaurantes que servem comidas típicas da Argentina, um atrativo para os turistas que visitam a região. A distância maior em relação a Foz e uma fiscalização aduaneira mais rigorosa do lado argentino estabelece certas dificuldades quanto ao fluxo para essa cidade daquele que se realiza para Ciudad del Este. Não obstante, a participação de jovens argentinos dessa cidade no grupo de maracatu possibilitou que o grupo de maracatu Alvorada Nova se apresentasse, no carnaval de 2016, em Puerto Iguazú e Puerto Esperanza, outra cidade da região de Misiones. Desde então membros do grupo de maracatu têm participado dos ensaios de um grupo cultural de Puerto Iguazú. Nos carnavais de 2017 e 2018, os dois grupos se reuniram para apresentações em Puerto Iguazú, sob orientação do mestre de maracatu. O mesmo processo vem sendo observado em Ciudad del Este, na qual se criou um grupo de maracatu e outro de percussão que mescla elementos da música paraguaia com os propagados pelo grupo de maracatu.

Com ênfases e frequências distintas a depender da origem e destino, constato a existência de dois trajetos corriqueiros entre as cidades, mas que se redefinem como um circuito cultural por meio das práticas engendradas pelos grupos juvenis. Reafirmando as diferenças entre os participantes dos grupos juvenis, observo que as barreiras aduaneiras e as pontes que ligam as cidades apresentam-se como pórticos, espaços liminares que definem pertencimentos e estabele-



Cortejo do grupo Maracatu Alvorada Nova em
Puerto Esperanza - Argentina

Foto de João Otávio Lourenço.

cem marcadores das identidades nacionais. Percebo claramente, a partir da pesquisa de campo, diferenciações engendradas pelo pertencimento aos Estados-nação e o estabelecimento dessas diferenças nacionais nos depoimentos dos jovens. Embora seja corrente a percepção de que as identidades são fluídas e contingentes (HALL, 2006), elas se apresentam na região de fronteira como marcadores sociais da diferença caracterizando cada subgrupo pelos atributos considerados como constitutivos de cada nacionalidade. Não obstante, as interações promovidas no âmbito das práticas culturais deslocam e ressignificam os pertencimentos locais por meio da sobreposição e acoplamento de elementos constitutivos das respectivas culturas. Fenômeno observado com maior intensidade com os jovens argentinos e paraguaios que assimilam ritmos e instrumentos do maracatu, bem como cânticos que fazem alusão às divindades do candomblé. Nesse processo, os jovens das diferentes nacionalidades vêm conferindo outro sentido aos trajetos entre as cidades, deslocando-o das referências co-

merciais e agregando um número crescente de jovens em atividades culturais dos dois lados das pontes. Em uma tentativa de assinalar esses deslocamentos, no próximo tópico me concentrarei na apresentação dos apontamentos etnográficos sobre o grupo de maracatu Alvorada Nova em sua circulação pelas cidades fronteiriças.

Alvorada Nova: sob o signo da diferença

“Axé Nação Porto Rico,
Axé Semente de Angola,
Axé Alvorada Nova,
Ogum,
verde e vermelho”.

Ao final dos ensaios do grupo de maracatu, os participantes formam uma roda mantendo-se lado a lado e com os braços sobre os ombros uns dos outros. No centro do círculo, deixam os instrumentos. Alison, o mestre do grupo, profere as três primeiras frases escritas acima que são respondidas pelo grupo por meio da expressão “axé”. O grupo realiza um movimento em onda com os corpos se deslocando no espaço em círculo sem que seus participantes retirem os braços do ombro de seu vizinho de roda. Em uníssono todos verbalizam o cumprimento axé em uma sequência longa do vocábulo. Por fim, encerrando o ensaio ocorre o chamamento a Ogum e os membros do grupo respondem: “verde e vermelho”, as cores da nação Porto Rico⁹. Assim se encerram todos os ensaios do grupo que são

9. Existem duas denominações de maracatu. O maracatu de nação ou do baque virado e o maracatu rural ou do baque solto. O grupo de Maracatu Alvorada Nova é do baque virado. Em uma de suas canções, faz referência ao próprio baque como “esse baque de peso”, afirmando sua proeminência sobre as demais nações de maracatu.

realizados no Barracão Cultural, espaço voltado para diferentes práticas culturais desde os anos 1990. Esse espaço foi criado por Betinho, um agente cultural da cidade de Foz do Iguaçu que, desde que instalou o barracão, passou a residir em Foz, constituindo família com uma moradora, também envolvida com práticas culturais. A família estendida do casal — contando-se as irmãs de sua esposa — também tem atuação reconhecida no ambiente cultural da cidade. Desde que montou o Barracão, apenas por um período de três anos Betinho não esteve à frente das ações desenvolvidas nesse local. Segundo suas palavras: “teve um prefeito que cismou com a gente e não quis a gente aqui. Então vieram outras pessoas que não fizeram nada. Depois a gente voltou e passamos a fazer o festival de teatro que durou mais de dez anos. Agora o teatro tá mais com as meninas e eu acho que a gente tem que ampliar. Por exemplo, para essa discussão da cultura popular. Até 2013, quando surgiu o Alvorada, não se discutia cultura popular na cidade”. (Relato reconstituído no caderno de campo).

O Barracão comporta um palco para apresentações teatrais e um auditório para aproximadamente cem pessoas. Na entrada, há um guichê para a venda de ingressos para assistir aos espetáculos. Estes são produzidos pelos grupos da casa, mas ocorrem, também no Barracão, espetáculos de outras localidades oriundos de outras cidades brasileiras ou dos países vizinhos. Atrás do palco, há uma sala na qual se guardam instrumentos musicais do grupo de maracatu, figurinos etc. Uma cozinha e um banheiro completam o espaço dos fundos do Barracão. A área externa serve de estacionamento e espaço de convivência no qual são realizadas algumas atividades como, por exemplo: comemorações pelo aniversário dos diferentes grupos que utilizam o espaço, feira de trocas, exposições etc. Seguindo o tipo de construção peculiar à região sul, o Barracão é construído em madeira, constituindo-se

em um galpão com o piso em cimento queimado. O espaço não conta com equipamentos e instalações sofisticadas, mas não apresenta um ar de precariedade ou excesso de improvisos.

Está localizado na Praça da Bíblia, local que reúne diversos trailers estacionados ao largo da praça que oferecem diferentes tipos de comida: espetinhos, mandioca recheada (escondidinho), hambúrgueres, yakissoba, sawuarma, costelas de porco, maçã do amor, cervejas, refrigerante, sucos etc. Alguns vendedores trabalham com produtos originários do Paraguai, como brinquedos eletrônicos, CDs e DVDs piratas etc. A praça é frequentada por muitos casais com ou sem filhos e jovens de diferentes idades. A frequência dos jovens à praça destina-se ao consumo de lanches após cultos religiosos, “abastecer as baterias” após a prática do *skate*, paquerar ou para o “esquentar” antes de começar a noite, sobretudo aos sábados. O grupo de maracatu algumas vezes deixa as dependências do Barracão e faz incursões pela praça em rápidas apresentações que sempre causam muita sensação, rompendo com a rotina do local marcado pela calma daqueles que sentados à suas mesas comem, bebem e conversam.

Tradicionalmente os grupos de maracatu de nação têm relações com os terreiros de candomblé, fato sempre lembrado por Alison, o mestre do grupo. No entanto, pessoas de diferentes denominações religiosas participam deste grupo e acompanham as manifestações vinculadas às entidades de matriz africana que compõem o panteão religioso do candomblé.

Desde sua origem, o grupo Maracatu Alvorada Nova estabeleceu seus laços com um terreiro de candomblé localizado nas imediações da Praça da Bíblia. Embora aqueles que não seguem essa religião acompanhem, nos ensaios, as referências aos orixás, em outras ocasiões não o fazem e, também, não frequentam o terreiro. Mesmo o

mestre do grupo tem dito que “eu não tenho cumprido com minhas obrigações e a Mãe Odete me cobra por isso”. A frequência incerta e irregular ao terreiro tem causado certa controvérsia nas relações entre os membros do maracatu com outros grupos referenciados na cultura de matriz africana e, particularmente, com aqueles que são frequentadores do terreiro.

Um episódio ilustra essa relação controversa que se estabelece entre esses grupos. Na comemoração do aniversário de dois anos do grupo, organizou-se uma grande festa no Barracão à qual acorreram jovens das três cidades fronteiriças e de algumas cidades do entorno paranaenses. A organização ficou a cargo de grupos responsáveis por diferentes atividades: grupo da recepção, das comidas, das bebidas, da limpeza, cabendo aos argentinos providenciarem vinho, sua especialidade nacional. Toda a área foi tomada pela festa e as diferentes atividades e apresentações de artista locais em apoio ao grupo. Mãe Odete, a mãe de santo do terreiro com o qual o líder do maracatu estabeleceu seus vínculos e obrigações, foi convidada a proferir uma palestra sobre o candomblé e seus orixás. Essa palestra contou com um número expressivo de público. O Terreiro de Mãe Odete é um dos mais antigos da região e conta, além dos vínculos com o grupo de maracatu, com um grupo de afoxé e alguns jovens que organizam festas cujas temáticas são a história e a cultura negra. Após sua palestra, o público fez perguntas à mãe de santo, que as respondeu em tom descontraído, mas acentuando que “o povo de santo tem sido vítima de muito preconceito e a gente precisa se opor a isso porque daqui a pouco não vamos poder andar na rua”.

Ao fim de sua participação, Mãe Odete retirou de sua bolsa uma carta dizendo “nós estamos em um ambiente democrático, por isso quero ler uma carta que o grupo de afoxé fez com relação ao que

a gente tem visto aqui”. Nesse momento, os membros do grupo de afoxé subiram ao palco postando-se ao lado da Mãe Odete numa aparente tentativa de demonstração de apoio, força e união. A carta se referia à tradição do maracatu como cultura de matriz africana, seu vínculo histórico ao candomblé, e enfatizava a falta de comprometimento do grupo com essa tradição; a pouca aproximação dos membros do grupo com o terreiro e a apropriação indevida da cultura negra por parte do grupo de maracatu. O grupo de Afoxé afirmava que aquele “maracatu era apenas um grupo artístico cultural e que, por isso, não contribuía e até mesmo negaria a luta do povo negro”.

Ao término da leitura da carta, a mãe de santo e o grupo de Afoxé se retiraram da festa, restando apenas dois de seus membros. Dado o anticlímax criado pela leitura da carta, nos dias subsequentes acionou-se toda uma série de dispositivos para aproximar os dois grupos e dirimir as dificuldades da relação. Reuniões foram realizadas e nos grupos se discutiu o teor e a pertinência da leitura da carta. As posições de fato apresentaram-se conflitantes, pois o grupo de maracatu entende que não se apropria da cultura negra no sentido que lhe é imputado pelo grupo de afoxé, mas que toca maracatu e, mais importante, que sua vinculação específica é com o Maracatu Nação Porto Rico, ramificação original da Praia do Pina, em Recife. Mestres da Nação Porto Rico de Recife foram acionados — por coincidência um estava em Foz —, afirmando a filiação do grupo àquela nação. Com a filiação esclarecida, cabia apaziguar os ânimos. Novas reuniões ocorreram entre o mestre do grupo de maracatu e a mãe de santo. O retorno às boas relações foi selado com a participação do grupo que tocou um baque em uma festa do terreiro dedicada a Oxóssi. A mãe de santo agradeceu a todos pela presença e pediu desculpas pelos desentendimentos. No entanto, as relações mantiveram-se, ao longo dos últimos

anos, sob certa névoa de desconfiança em face das diferentes opções com que cada grupo lida com sua prática cultural e se relaciona com as diferentes instâncias locais.¹⁰

Tendo em vista a perspectiva que o grupo de maracatu aponta, eu arriscaria afirmar que seus membros atuam por meio de uma lógica de acoplamento (HALL, 2006) dos diferentes elementos culturais dispersos pelo território. Buscam referências na tradição que remonta à Nação Porto Rico, alguns — especialmente o mestre do grupo — articulam-se ao Terreiro da Mãe Odete — fato crucial para os grupos de maracatu — mas, ao mesmo tempo, acionam elementos que se coadunam a outras lógicas e princípios, especialmente a proposta de difusão da “cultura do maracatu” para além dos limites da fronteira e, ao estabelecer relações com os grupos culturais transfronteiriços, articulando elementos da cultura dos países vizinho à “cultura do maracatu” e vice-versa. Nesse duplo movimento, o grupo afirma o pertencimento a uma linhagem dentro do maracatu denominado Nação Porto Rico, grupo histórico recifense que deita raízes no início do século XX e que, por sua vez, afirma-se como herdeiro das tradições africanas. Em todas as apresentações, o mestre do Maracatu Alvorada Nova afirma para a plateia que “o maracatu é uma tradição da cultura negra, nós somos ligados ao candomblé, uma religião de matriz africana. Maracatu é isso: cultura popular negra de matriz africana e de culto aos orixás”. Vale a pena enfatizar que o grupo faz várias apresentações no circuito cultural das cidades próximas no Brasil e nos países vizinhos em eventos que não estão relacionados com as culturas afrodescendentes.

Embora eu não acompanhe diretamente o grupo de afoxé, observo

10. A questão de fundo na relação entre esses grupos é a de “apropriação cultural”, termo polissêmico e de múltiplas interpretações. Não pretendo aprofundar a discussão sobre o tema, pois não é o objetivo deste texto.

que não se pode afirmar que este não articule elementos estranhos à tradição que advogam e que reivindicam como elemento característico e fundamental dos grupos culturais de matriz africana e, em especial, deles próprios. A observação dessa controvérsia com o maracatu permite afirmar que eles fazem certo uso estratégico de um pretense essencialismo cultural negro nos moldes apontados por Spivak (2014), pois estão no mesmo campo de atuação do maracatu, o qual denominam de cultura popular, e disputam os mesmos espaços de apresentações, representações e financiamentos.

Com referência ao marcador social de diferença cor/raça, eu afirmaria que a maioria dos participantes do Alvorada Nova são brancos, ao passo que no grupo de afoxé são negros.¹¹ Compreendo que esse é um aspecto de suma importância nas configurações sociais, no entanto, não será tratado neste texto, fundamentalmente pelo fato de eu ter me dedicado ao grupo de maracatu e suas interações com outros grupos da região.

Durante a pesquisa, observei que o grupo de maracatu tem uma perspectiva de atuação marcada pela mobilidade sobre o território que lhe confere uma maior inserção social e exposição pública. Nesse sentido, sua prática está em sintonia com as ações e práticas culturais dos grupos de maracatu mais conhecidos e com maior tempo de atuação. Segundo um expoente da Nação Porto Rico, “hoje são muitos os que estão viajando dando oficina de maracatu. Eu estou viajando faz um mês, indo de cidade em cidade. Meu marido está em Paris para um encontro de oito grupos que tem lá” (Mestre Ana). Seguindo as ob-

11. Essa definição passa pela minha observação visual. Reconheço certa dificuldade em definir cor/raça sem ouvir a manifestação das pessoas abordadas. Contudo, dado o momento em que se encontra a pesquisa optei por correr o risco de uma definição apressada que pode, eventualmente, ser redefinida futuramente por meio da auto-declaração dos participantes.

servações de Ortner (2006), afirmo que “expressões como ‘cultura pública’ ou, nos termos de James Clifford, ‘cultura viajante’ (1997) dão conta dessa visão mais móvel das formas e das forças culturais” e com isso deslocam a tradição e sobrepõem novos elementos sobre esta, recriando a cultura que se inova por meio da experiência dos agentes. Em outros termos, eu afirmaria que os grupos de maracatu atuam em baseados em certos elementos das tradições, porém deslocando alguns componentes e agregando outros de diferentes origens e, nesse movimento, vão recriando novas manifestações e práticas culturais.

O grupo de maracatu Alvorada Nova tem percorrido as cidades da região fronteira participando de diversos eventos. Realiza suas apresentações, na maior parte das vezes, sem cachê, apenas com uma ajuda de custo. Reconhecido como ponto de cultura pelo Ministério da Cultura, recebe uma verba que exige, como contrapartida, apresentações e a realização de oficinas nas escolas da região.¹² Dentre suas apresentações, algumas são feitas nas cidades além dos limites fronteiriços e que, evidentemente, não constam da exigência de contrapartida por parte do ministério. Essas apresentações ocorrem após o convite de uma associação ou grupo dos países vizinhos e decididas por meio do debate entre os participantes do maracatu. De certo modo, é uma atividade espontânea do grupo marcada por certa reciprocidade com os grupos paraguaios ou argentinos. Dentre essas atividades o grupo foi convidado a se apresentar na “Primeira Festa da Cultura de Ciudad del Este”, realizada no dia 02 de maio de 2015 e organizada por um grupo de jovens paraguaios dedicados à promoção de atividades culturais na cidade.

12. O reconhecimento como ponto de cultura e a consequente ajuda financeira, ainda que aquém das necessidades dos grupos de cultura popular, são elementos fundamentais para a garantia da continuidade da produção e divulgação do trabalho desses grupos.

O visitante de Ciudad del Este em geral percorre as lojas de produtos eletroeletrônicos, perfumes e diferentes produtos de distintas origens em busca de um bom preço cuja revenda seja garantida com lucro ou apenas que a economia de algum dinheiro justifique a visita. Nessa parte da cidade, o burburinho entre compradores e vendedores é intenso, chegando a ser desconfortável, o tráfego é caótico e o visitante sofre todo tipo de abordagem nas ruas. Contrapondo-se às primeiras impressões sobre a cidade, vislumbra-se, após percorrer-se a zona de intenso comércio pela qual ela é conhecida e visitada, uma grande praça na qual os moradores passam seu tempo livre e desfrutam os finais de semana entre brincadeiras, jogos de futebol, piquenique com a família etc. A área impressiona pela grandiosidade, pois foi, em passado recente, o aeroporto da cidade, agora transformado em espaço de sociabilidade e lazer. Em área contígua a esta, e ainda situado na avenida principal, o visitante encontra um lago artificial com pessoas caminhando ou correndo em suas margens. Foi nesse espaço, entre o lago e a outra parte da praça, que um grupo de jovens realizou a Festa da Cultura de Ciudad del Este. Um trecho da praça foi reservado para as apresentações de *shows* de grupos locais. Nele montou-se um palco para apresentações de teatro e música. As bordas desse anfiteatro foram iluminadas com velas aromáticas colocadas dentro de arranjos feitos de cascas de laranjas ressecadas. Barracas com comidas vegetarianas ofereciam diferentes quitutes e outras comercializavam artesanatos. Pelo meio da tarde o público era quase que exclusivamente de jovens, porém, com o correr das horas, outros grupos de idade foram se agregando à festa. Se alguém procurasse uma festa paraguaia típica não a encontraria naquele lugar, marcado pela afluência de jovens com seus códigos denotando o pertencimento a diferentes grupos de estilo.

Para o grupo de maracatu chegar à festa, foi marcado um encontro entre dois jovens paraguaios, participantes do maracatu, e alguns membros do grupo em frente ao terminal de ônibus da cidade de Foz do Iguaçu. De lá partimos¹³ em ônibus convencional para Ciudad del Leste. Ao chegar, embora a festa contasse ainda com poucos participantes, percebi a frequência mista entre brasileiros e paraguaios que conversavam, na maior parte das vezes que pude observar, em portunhol, a língua franca desse encontro e dos encontros cotidianos entre moradores dessa região de fronteira. Comentando o encontro, Augusto, morador desde os anos 1990 de Foz, disse: “aqui a gente tá vendo integração”. Referia-se à evidente interação e colaboração entre os jovens de origens distintas, estabelecendo um contraponto aos discursos oficiais acionados por ocasião dos tratados internacionais de integração dos países latino-americanos, dentre os quais o Mercado Comum do Sul — MERCOSUL. “A cultura tem esse mérito. Ela reúne as pessoas. Enquanto os caras lá em cima ficam brigando, a gente vai fazendo as coisas aqui. Eles nem fazem ideia do que rola por aqui.” (Augusto, reconstituição de caderno de campo).

Ocorreram apresentações de teatro e música. Uma peça foi encenada remetendo à “Grande Guerra” entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai.¹⁴ Grupos de rock das duas cidades se apresentaram, bem como de música folclórica paraguaia. Com a chegada da

13. Desde os meus primeiros contatos com o Maracatu Alvorada Nova, eu passei a acompanhar os ensaios do grupo com vista a realizar uma etnografia desta prática cultural. Seguindo os preceitos da etnografia, eu buscava um olhar *de perto e dentro* (MAGNANI, 2002). Em pouco tempo, eu passei a integrar o grupo de batuqueiros do maracatu ao aceitar o convite do mestre do grupo para tocar caixa. Desse modo, eu não me limitei a acompanhar o grupo na qualidade de investigador, mas me integrei às suas dinâmicas como um membro. Compreendo que esta imersão na vida do grupo foi fundamental para a realização da etnografia.

14. A historiografia paraguaia refere-se à guerra movida pela tríplice aliança contra seu país de a Grande Guerra. Da qual, eles dizem ainda não terem se recuperado.

noite, o grupo de maracatu se apresentou. Ao soar os tambores, pessoas que estavam nas imediações e bordas da praça, acompanhando o evento a certa distância, se juntaram à festa. As mulheres que tocam agbê no maracatu colocaram-se perfiladas na frente do grupo. Vestidas com saias coloridas e rodadas e girando ao tocarem o instrumento imprimiam à apresentação uma “marca brasileira”: o “gingado”, a “malemolência” corporal e certa “sensualidade”.¹⁵ Um jovem paraguaio tocava o gonguê marcando o tempo das execuções. Nas caixas, nós dávamos o ritmo da música ao passo que as alfaias, divididas entre brasileiros e paraguaios, tomavam o ambiente com sua sonoridade grave.¹⁶ Muitos com suas cuias de chimarrão ou tererê iniciavam os primeiros passos dançando ao som do ritmo pernambucano. Um dos organizadores do encontro manifestava sua satisfação afirmando: “olha que coisa linda. Temos que fazer mais vezes. O maracatu vir para cá é sensacional. Veja como as pessoas curtem” (Pablo).

No mês de outubro de 2015, o mesmo grupo de jovens organizou a Festa Arapoty (primavera), ocupando outro ponto da praça. O teor da festa era “brindar a chegada da primavera com um encontro entre pessoas para compartilharem atividades saudáveis, comidas saudáveis visando à construção de um mundo são”. Segundo o informativo Artes y Espetáculos:

15. Adoto propositalmente certos estereótipos impingidos à mulher brasileira por ter ouvido manifestações nesse sentido no local acompanhadas das expressões “muy buena”, “muy garbosa”.

16. O agbê é um chocalho feito de uma grande cabaça recoberta de contas. Tocado por meio do balanço das duas mãos em oposição. O gonguê é semelhante a um sino ou agogô e é percutido com uma baqueta marcando o compasso das músicas. As caixas são mais conhecidas por serem usadas em fanfarras, escolas de samba e compor a bateria. As alfaias são o diferencial do maracatu no que tange aos tipos de instrumentos. Trata-se de grandes tambores percutidos com duas baquetas.



Fotos da apresentação do grupo
Maracatu Alvorada Nova em Ciudad del Este
Fotógrafo: João Otavio Lourenço.

El evento será artístico, cultural y educativo. Habrá música en vivo, clases de yoga, danza, feria de comidas vegetarianas, jugo de frutas, adopción de animales y entrega de plantines de especie nativa. El grupo Maracatu Alvorada Nova, de Foz de Yguazú, Brasil, será uno de los principales atractivos, además se prevé, danza y exposición nativa de los Maka.

Mais uma vez a alimentação da festa foi vegetariana ou vegana. A introdução da alimentação vegetariana estabelece um contraponto de destaque aos hábitos alimentares tradicionais da região marcados pela presença da carne bovina, em especial a costela assada acompanhada de mate ou cerveja. Os participantes puderam praticar ioga e pilates, assistir a apresentações musicais, comprar artesanatos etc. O grupo de maracatu foi anunciado como a principal atração vinda do Brasil. As expectativas em torno dessa “atração vinda do Brasil” podem reverberar toda uma estereotipia já observada no encontro anterior e que põem em diálogo e tensão os marcadores sociais de cada grupo nacional.

Como ocorre em todos os seus encontros, ao final de sua apresentação nesse evento, o grupo de maracatu fez um círculo composto por seus batuqueiros, entrelaçando os braços sobre os ombros uns dos outros. Os participantes da feira foram convidados a se reunirem ao grupo: “venham para o axé”, interpelavam os membros do grupo aos participantes da Festa Arapoty. Muitos atenderam ao chamado juntando-se ao grupo. Agradecimentos pela presença por parte dos organizadores e pelo convite por parte dos batuqueiros e seu mestre foram a tônica desse momento em uma demonstração de gratidão e reciprocidade entre as partes. Em dado momento, uma participante da roda pediu “um axé para essa fronteira que não tem fronteiras”. Todos gritaram axé e alguém bradou “todos nós somos o mesmo povo”. Havia certa emoção no contato entre as pessoas, muitos agradecimen-

tos, de um lado, pelo convite a participar e, do outro, por ter aceitado se apresentar. Penso no acionamento de uma relação baseada em uma economia do dom, na qual prevalece a troca simbólica sem a mediação do ganho pecuniário ou do lucro. Soledad, moradora de Ciudad del Este afirma, muito emocionada, que “foi linda a presença de vocês aqui na nossa cidade. Cria um clima diferente entre as pessoas, diferente do dia a dia da cidade e do tipo relação que as pessoas têm”. Como desdobramento desses encontros, um membro do Alvorada Nova reuniu um grupo de brasileiros e paraguaios e fundou um grupo de maracatu em Ciudad del Este que teve uma vida insipiente. Porém, esse grupo deu origem a outro voltado para a dança de temas musicais brasileiros como o axé, samba e ritmos carnavalescos.

As mesmas dinâmicas foram observadas em encontros e nos carnavais na cidade de Puerto Iguassu, reunindo os membros do maracatu e do grupo La Barcasa, coletivo de jovens argentinos devotados a diferentes práticas culturais. Nos encontros desses grupos assiste-se à troca de componentes rítmicos e a elaboração de novas sonoridades nos ensaios conjuntos e apresentações. Visitando o Barracão os membros do La Barcasa participam dos ensaios de maracatu, das festas organizadas para arrecadar dinheiro, aprendem o manejo dos instrumentos do maracatu e mesclam o aprendido aos ritmos argentinos. “A gente aprende muito com essas trocas. La Barcasa tem crescido muito com o maracatu. Nós aprendemos muitas coisas que não sabíamos”, afirma Juarez, organizador do grupo argentino. No carnaval de 2016, o grupo de maracatu Alvorada Nova participou da apresentação do La Barcasa. Para isso acontecer, foram necessários vários dias de ensaio e o acoplamento dos ritmos musicais brasileiros aos temas do carnaval argentino. Mais especificamente, trabalhou-se nos ensaios o tema do cancionero popular argentino denominado Selva Noche Luna. Em

2017 e 2018, repetiu-se a apresentação e o La Barcasa apresentou seus temas no carnaval de Foz do Iguaçu acompanhado do Alvorada Nova.



Apresentação conjunta do grupo Alvorada Nova e do La Barcasa no carnaval de Foz do Iguaçu em 2018.

As ações empreendidas pelo grupo de maracatu Alvorada Nova desdobraram-se do lado brasileiro da fronteira em três novos grupos: o grupo Kaburé — filiado à nação Leão Dourado; o Maracatu Mulher — cuja inspiração é o grupo Maracatu Encanto do Pina, vinculado à Nação Porto Rico; e o Maracatu Jovem — grupo formado com estudantes que participaram de oficinas realizadas nas escolas da cidade pelos membros do Alvorada Nova. Observo, assim, que essa prática cultural vem se disseminando pela região, seja para além das fronteiras brasileiras ou em seu próprio território. Os jovens argentinos e paraguaios manifestam certa reverência à musicalidade dos brasileiros e tentam reproduzir ritmos e performances. “Melhorou muito. Desde que o pessoal do maracatu veio pros ensaios, La Barcasa cresceu, o pessoal toca melhor. Estão aprendendo o batuque brasileiro”, afirma Angelita. “Agora nós somos uma coisa só. Estamos unidos. (diz Juarez entrelaçando os dedos das mãos) La Barcasa e Alvorada Nova é o mesmo povo”.

Considerações finais

Diferentes aspectos da região de fronteira abordados neste artigo podem suscitar pesquisas seguindo uma nova orientação que desponta nos trabalhos sobre fronteiras, embora eu não os tenha referido nestes termos quando busquei descrever de forma sucinta algumas características da região e de seus moradores. Os distintos aspectos da região de fronteira, em especial seu cotidiano, a sociabilidade local e os modos de vida de seus habitantes, sinalizam uma agenda de pesquisa ainda por ser desenvolvida com a participação de um número maior de pesquisadores, universidades e o apoio de agências de fomento.¹⁷ Este trabalho insere-se nesta nova perspectiva cujo esforço é compreender as dinâmicas de sociabilidade na região de fronteira.

Tarius (2002) e Ribeiro (2010) discutem o fenômeno da globalização apontando a existência de uma globalização por baixo, parte constituinte da globalização. Esta seria constituída, também, pela ação de pequenos atravessadores, comerciantes de pequeno porte, sacoleiros etc., numa miríade de atividades que possibilitam a circulação de mercadorias em uma dinâmica “subterrânea”, abaixo das normas comerciais, porém não alheias à lógica da circulação capitalista de mercadoria, bens e pessoas. Ribeiro (2010) sinaliza a existência de uma “globalização popular” que faz circular uma gama de produtos de diferentes origens para os mais diversos destinos. Essa globalização popular tem um de seus espaços locais em Ciudad del Este cuja principal atividade comercial foi durante anos o comércio voltado a suprir os sacoleiros e pequenos comerciantes em busca de produtos eletroeletrônicos originais ou pirateados para serem vendidos nas cidades brasileiras. Este fenômeno se inseriu no discurso oficial das cidades, e em especial na

17. Cardin e Albuquerque (2018) apontam essa nova perspectiva nos estudos sobre fronteira.

cidade de Foz do Iguaçu, como “turismo de compras”, mobilizando uma série de serviços e contribuindo, nos anos 1980/90, para a expansão da rede hoteleira e de serviços.

Dinâmica semelhante à globalização por baixo ocorre com os processos de integração latino-americana cujo maior expoente tem sido os acordos firmados no âmbito do MERCOSUL entre os Estados. Ao observar as ações desenvolvidas pelo grupo de jovens abordados neste trabalho, percebi diferentes ordens de fatores que se articulam nesta zona de fronteira, constituindo um contexto sociocultural peculiar. De um lado, observo um processo de “integração por baixo” levado a cabo pelas ações e deslocamentos de diferentes grupos sociais. De outro, percebo certa centralidade das práticas culturais desenvolvidas pelos jovens da região de fronteira nesse processo de “integração por baixo”. No caso específico das práticas culturais juvenis aqui observadas, é estabelecido um discurso contra-hegemônico baseado na valorização da região de fronteira como território de pertencimento e realizações simbólicas e materiais. Discurso que muitas vezes nega a fronteira anunciando “que somos um só povo”.

Nos depoimentos observados em campo, é recorrente a afirmação da inexistência de fronteiras entre os moradores dos países que compõem a tríplice fronteira. No âmbito das interações entre os jovens que acompanhei, busquei referências genéricas e globais das culturas pop e juvenil nas quais se estabelecem suas identificações a grupos de estilo juvenis acopladas aos elementos que compõem as diferenças baseadas nas nacionalidades e a provável apropriação e redefinição na esfera das práticas culturais do discurso da integração. Deste acoplamento emerge uma noção de pertencimento a um território específico sem fronteiras. “Viva a tríplice fronteira sem fronteiras” é uma expressão lançada recorrentemente nas festas e reuniões desse grupo de

jovens.



Grupo Maracatu Alvorada Nova atravessando
a fronteira com a Argentina (2016)

Foto de João Otávio Lourenço.

Desse modo, nos marcos das práticas culturais exercidas por esses grupos juvenis na região de fronteira, cabe pensar o espaço das práticas culturais como um lugar de anunciação (BHABHA, 2005) de novas formas de relações sociais e da criação de formas inusitadas e inesperadas de intercâmbio na dimensão das trocas simbólicas. Ao acompanhar os jovens em minha etnografia pela região, observo processos de integração que ocorrem por meio de deslocamentos físicos e simbólicos que enfatizam as semelhanças sem deixar de delinear as diferenciações entre os jovens. Esse processo se desenvolve no âmbito das cidades e dos eventos organizados pelas juventudes locais instituindo circuitos e trajetos orientados pelas práticas culturais e de lazer. Evidentemente, há outros elementos que constituem diferentes circuitos e trajetos. Como referido, o mundo do trabalho mobiliza um número expressivo de pessoas transpondo as fronteiras de lado a lado na região. O que parece ser inovador nas relações sociais nessa região são os deslocamentos orientados pelas práticas culturais juvenis.

As práticas culturais são ações coletivas realizadas de maneira es-

pontânea, nos momentos de tempo livre, envolvendo, via de regra, muito trabalho voluntário. Essas práticas se amparam em uma proposição discursiva que enfatiza o pertencimento e a valorização da vida na região de fronteira que, hipoteticamente, pode transbordar os limites dos grupos juvenis. “Nós temos muitas coisas pra fazer aqui no Paraguai. São mais de trinta anos do partido Colorado e de ditadura que estão presentes em todos os lugares. Por isso precisamos unir forças com todos, sejam paraguaios, brasileiros e argentinos e mudar as coisas. Inclusive entre a gente” (Alejandro).

Assim propugna-se a favor da agricultura familiar e de “uma alimentação sã para uma vida sã” em oposição à monocultura característica da região, aventam-se novas formas de interação entre os grupos, difunde-se o debate sobre sexualidade e gênero, bem como os elementos da cultura negra também são difundidos, dentre outros aspectos. Essas diferentes frentes de atuação desses jovens possibilitam a elaboração e difusão de práticas culturais que agregam jovens de diversas origens e pertencimentos sociais. Tais práticas culturais não eliminam as diferenças entre os membros dos grupos, mas lidam com as tensões entre os diferentes pertencimentos e inauguram uma perspectiva de uma ação juvenil transfronteiriça.

As práticas culturais juvenis observadas na região, em especial as de matriz negra, podem estar instituindo novos contextos ao transitar por fronteiras sociais, culturais e políticas. O maracatu, especificamente, enquanto prática cultural que transborda seu local de origem e por consequência suas fronteiras, pode ser visto “como algo que se desdobra e que é apropriado de maneiras muito mais variáveis do que se supunha ser o caso da cultura em sentido clássico.” (ORTNER, 2006).

Posso afirmar que, compondo essas ações, as práticas e as relações

estabelecidas por meio do maracatu promovem certa sobreposição de pertencimentos às nações. Tanto aquelas que são definidas pelos Estados-nação como as que se delimitam nos marcos das identidades que compõem o universo dos maracatus. O maracatu, manifestação típica da cultura pernambucana, ao sofrer um processo de desterritorialização por meio da ação de seus membros, reterritorializa-se sob diferentes configurações sociais na região de fronteira, recriando-se como componente das práticas culturais de origem popular. Vincular-se aos agrupamentos com alguma identificação aos grupos de maracatu define uma nova “territorialidade existencial”¹⁸ (GUATTARI, 1992) para esses jovens. Cabe observar que, frente a uma noção de território e identidade (neste caso, região de fronteira) que antecede as práticas dos sujeitos, os jovens envolvidos nas interações do grupo de maracatu e, por consequência, com certa identificação com essa — e provavelmente outras manifestações da cultura afro-brasileira — redefinem esse território e seus limites culturais.

Referências

ALBUQUERQUE, J. L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.

ALBUQUERQUE, J. L. C. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

BHABHA, H. *O lugar da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CARDIN, E. G.; ALBUQUERQUE, J. L. C. *Fronteiras e deslocamentos*.

18. A noção de “território existencial” envolve espaços construídos com elementos materiais e afetivos apropriados e/ou agenciados de forma expressiva que resultam na constituição de lugares para viver.

Revista Brasileira de Sociologia SBS. v. 6, n. 12, 2018.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996. Capítulo VII — Caminhadas pela cidade; Capítulo IX – Relatos de espaço.

DIEGUES, Douglas *et alli*. Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-em-Portunhol-Selvagem. *O Globo*. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2008. Disponível em: oglobo.globo.com. Acesso em: 25 set. 2015.

_____. *Bichos paraguaios: mitologia popular paraguaiá recriada em portunhol selvagem por Douglas Diegues com mucho esperma y sangre du corazon*. 2006. Disponível em: <http://www.bichosparaguaios.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 out. 2015.

EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

GARCIA CANCLINI, N. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2011.

GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GUATTARI, F. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALL, H. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteira, híbridos: palavras chave da antropologia transnacional. *MANA*, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, Bruna, M. de. (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSPFAPESP, 2000.

MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação ou De como os Baloma de Kiriwana pode reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (Org.) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Ed.

UNESP- Ed. Hucitec, 1998.

_____. De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana. *RBCS*, v. 17, n° 49, jun. 2002.

_____. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, ano 15, n. 32, 198 p. 129-156, jul./dez. 2009.

_____. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

_____. Circuito: proposta de delimitação da categoria. São Paulo, 2014 (no prelo).

MONTENEGRO, S.; BÉLIVEAU, V. G. *La Tríplíce Frontera: globalización y construcción social del espacio*. Buenos Aires: Miño y Davila, 2006.

ORTNER, S. B. Uma atualização da teoria da prática. Conferência proferida na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiana, 2006.

POZZO, A. O. Paraguay y sus fronteras: apuntes sobre culturas em movimento em territórios que se reconfiguram. In: PEREIRA, D. A. (Org.). *Cartografias imaginárias da Tríplíce Fronteira*. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.

RIBEIRO, G. L. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 74., p. 21-38, 2010.

SAID, E. W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SPIVAK, C. S. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SPOSITO, M. P. *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

TARRIUS, A. *La mondialisation par le bas*. Les nouveaux nomades de l'économie souterraine. Paris: Edition Ballande, 2002.

Resumo:

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa realizada na região da tríplice fronteira (Brasil, Paraguai, Argentina), na qual são abordadas as interações de grupos juvenis. Articulando os temas juventude, cidades e fronteiras, o trabalho visa a contribuir para o entendimento das práticas culturais juvenis que se desenvolvem nessa região. O artigo apresenta a etnografia de um grupo de maracatu sediado em Foz do Iguaçu apontando seus deslocamentos para Ciudad del Este e Puerto Iguassu, cidades que compõem a região, bem como de jovens argentinos e paraguaios que atravessam a fronteira para participarem dos ensaios e apresentações do grupo. A etnografia sinaliza que as interações culturais entre esses jovens redefinem os trajetos na região e, por meio de processos de integração, sobreposições, deslocamentos e conflitos, instituem diferentes marcos nas fronteiras entre os três países.

Palavras-chave: Juventude; Práticas Culturais; Fronteiras; Etnografia.

Abstract:

This work is based on a research carried out in the region of the “triple border” (Brazil, Paraguay, and Argentina) in which the interactions of youth groups were approached. Articulating themes such as youth, cities, and borders, the work aims to contribute to the understanding of youth cultural practices that are developed in this region. The article presents the ethnography of a group of maracatu based in Foz do Iguaçu, pointing out their displacement to Ciudad del Este and Puerto Iguassu, cities that are part of this region, as well as the journeys travelled by Argentine and Paraguayan youth people who cross the border to participate in the group’s rehearsals and presentations. The ethnography indicates that the cultural interactions between these young people redefine the paths in the region, and through integration processes, overlappings, displacements and conflicts they establish different milestones on the borders between these three countries.

Keywords: Youth; Cultural Practices; Borders; Ethnography.

Recebido para publicação em 09/05/2018.

Aceito em 15/07/2018.